

Evasão nos cursos de graduação da Universidade Federal de Mato Grosso, campus universitário de Cuiabá – um processo de exclusão*

Tereza Christina M. A. Veloso (UFMT)**
Edson Pacheco de Almeida***

**Mestre em Educação pela UFMT. Coordenadora do Curso de Graduação em Nutrição- UFMT.

*** Doutor em Administração Universitária pela Michigan State University. Professor Titular do Departamento de Sociologia e Ciência Política da UFMT.
e-mail: tecavel@bol.com.br

Resumo

O objetivo do trabalho é acrescentar dados à compreensão do fenômeno da evasão universitária, em uma concepção institucional. Realizado na Universidade Federal de Mato Grosso, tendo como participantes os Coordenadores de Curso, a Coordenação de Administração Escolar, a Coordenação de Processamento de Dados e a Pró-Reitoria de Ensino de Graduação. Propomos acrescentar a abordagem qualitativa ao enfoque quantitativo dos estudos dessa natureza. Foram pesquisados quatorze cursos de graduação, e, ao finalizarmos, supomos que a evasão nessa Instituição se caracteriza por um processo de exclusão e que, mais do que um processo dependente do aluno, é um fenômeno institucional, reflexo da ausência de uma política de permanência do aluno no curso de sua opção.

Palavras-chave

Ensino superior - evasão universitária - avaliação institucional.

Abstract

The aim of this study is to shed light on the problem of student drop out at university level, according to the conception of the institution. The study was conducted at the Federal University of Mato Grosso and the participants were Course Coordinators, Coordination of Student Administration, Coordination of Data Processing and Vice Presidency for Undergraduate Courses. In this study we propose to add a qualitative approach to the quantitative focus usually given to this type of study. Fourteen courses were researched and the conclusion was that student drop out at this Institution is characterized by an exclusion process and reflects the lack of a policy of maintaining students in the course of their choice, more than a process that depends on the student. It is an Institutional phenomenon.

Key words

University teaching - student drop out - institutional evaluation.

* Trabalho apresentado na 24ª Reunião da ANPED, Caxambu, outubro de 2001.

Considerações iniciais

A evasão de estudantes é fenômeno complexo, comum às Instituições Universitárias no mundo contemporâneo. Nos últimos anos, esse tema tem sido objeto de alguns estudos e análises, especialmente nos países do primeiro mundo, e tem demonstrado não só a universalidade do fenômeno como a relativa homogeneidade de seu comportamento em determinadas áreas do saber, apesar das diferenças entre as instituições de ensino e das peculiaridades sócio-econômico-culturais de cada país.

No processo educacional, é de se reconhecer que, no intervalo entre o início do processo, com a entrada do educando na Instituição, e o momento de sua saída, traduzida em sua formatura, uma série de fatos ocorrem; muitos sucessos recompensam esforços desenvolvidos, muitos obstáculos surgem, dificultando em grau variável a trajetória do aluno e que, por vezes, acabam interferindo na continuidade do processo, ocasionando o desligamento da instituição ou do curso – a evasão do aluno do processo educacional.

No Brasil, as pesquisas se tornaram mais frequentes a partir de 1995, quando foi constituída a Comissão Especial de Estudos sobre Evasão, através de Portaria SESu/MEC, com o objetivo de desenvolver um estudo sobre o desempenho das Instituições Federais de Ensino Superior - IFES. O estudo, concluído em outubro de 1996, reúne um conjunto significativo de dados sobre desempenho das IFES, relativos aos índices de diplomação, retenção e evasão de seus cursos de graduação

identificados com objetividade, pois que essencialmente quantitativo, tornando-se referência nacional. No entanto, o estudo se limitou a análises quantitativas que necessitam ser subsidiadas por informações que o qualifiquem efetivamente, contribuindo para melhor entendimento dos dados.

A Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT é uma dessas IFES, sediada no campus universitário de Cuiabá, instituição federal de ensino superior, criada em 1971, na cidade de Cuiabá, em 2000, oferta trinta e cinco cursos de graduação no Campus de Cuiabá, dez cursos no Campus de Rondonópolis e seis no Campus do Médio Araguaia. Possui quinze mil, setecentos e cinqüenta e sete alunos matriculados. Na análise do perfil, realizada pela Coordenação de Exames Vestibulares (1996-1998), o aluno que ingressa na UFMT, é na sua maioria, do sexo feminino, majoritariamente solteiro, na faixa etária entre 17 e 21 anos: 38% indicam que a renda familiar é igual ou inferior a 5 salários mínimos; 50,6% indicaram exercer uma atividade remunerada; 61,7% não freqüentaram o cursinho preparatório; 52,2% realizaram os seus estudos de 2º grau todo na escola pública.

Em nossa pesquisa, caracterizada como um estudo de caso, propomo-nos acrescentar a abordagem qualitativa ao enfoque quantitativo dos estudos sobre evasão universitária existentes, tendo como desafio explicarmos os índices de evasão dos cursos de graduação da Universidade Federal de Mato Grosso, sob a ótica institucional, optando por pesquisar os Coordenadores de Curso e a Pró-Reitoria Acadêmica, tendo como pressuposto de que quem

evade o faz de algum lugar, por algum motivo e com o consentimento de alguém.

Aspectos metodológicos

O estudo envolve levantamento dos dados disponíveis no Sistema de Informação Acadêmica – SIA, no qual pesquisamos a trajetória dos alunos ingressantes nos cursos de graduação; a aplicação de questionário com perguntas fechadas e/ou abertas, aos Coordenadores dos cursos selecionados; entrevista com a Pró-Reitoria de Ensino de Graduação e análise de dados obtidos nessas etapas.

O SIA é o sistema automatizado que registra as informações sobre a vida acadêmica do aluno na UFMT, sendo a responsabilidade pelo gerenciamento dessas informações a Coordenação de Administração Escolar, órgão subordinado à Pró-Reitoria de Ensino de Graduação.

Na definição do objeto de estudo, tivemos a preocupação de estabelecer que a unidade de análise seria os Cursos de Graduação, e o foco da análise seria evasão, considerada, a exemplo do relatório MEC/SESu, *a saída definitiva do aluno de seu curso de origem sem concluí-lo*. Como orientação metodológica, adotamos a recomendação dessa Comissão, sobre o “fluxo de acompanhamento de estudantes”, que basicamente visava à contagem por geração completa¹

¹ Geração completa entende-se aquela em que o número de diplomados (Nd) mais o número de evadidos (Ne) mais o número de retidos (Nr) é igual ao número de ingressantes no ano-base (Ni), considerando o tempo máximo de integralização do cursos ou seja: $Ni = Nd + Ne + Nr$.

dos cursos, considerando o tempo máximo de integralização curricular, conforme os prazos estabelecidos pelo Conselho Nacional de Educação. Como prazo limite para o cálculo, adotamos o 2º semestre de 1998, retornando-se ao período ou ano de ingresso do aluno. Tal metodologia foi aplicada a dez gerações completas, para cada curso e para os cursos de criação mais recente, no mínimo, de cinco gerações.

Dos trinta e cinco cursos ofertados pelo campus universitário de Cuiabá, na época do levantamento, definimos que participaríamos do estudo os cursos que necessariamente compusessem, no mínimo, cinco turmas (geração completa), para o mesmo código de curso, e que o tempo máximo de integralização tivesse ocorrido até 1998/2. Atendendo a essas características, foram estudados vinte e cinco cursos de graduação e, deles, quatorze foram selecionados por obterem os índices de evasão maiores do que a média de sua área de conhecimento.

Evasão na Universidade Federal de Mato Grosso em análise

Na tabela 1, são apresentados os cursos de graduação estudados e agrupados por área de conhecimento, segundo o CNPq, o respectivo índice médio de evasão do curso e da área de conhecimento no período de ingresso.

Tabela 1: Cursos de Graduação da UFMT selecionados por área de conhecimento, evasão média e período de ingresso-1985/2 a 1995/2

Áreas de conhecimento	Código do Curso	Descrição	Evasão média	Período de ingresso
Ciências Agrárias	402	Eng. Florestal	61,75	86/02 a 91/01
		Evasão média da área de conhecimento	46,77	
Ciências Exatas e da Terra	304	Geologia	72,05	87/02 a 92/01
	307	Licenciatura. Física	71,13	88/02 a 93/01
	308	Licenciatura Química	73,14	88/02 a 93/01
		Evasão média da área de conhecimento	67,74	
Engenharias	302	Eng. Elétrica	39,10	85/02 a 90/01
	303	Eng. Sanitária	30,32	85/02 a 90/01
		Evasão média da área de conhecimento	30,0	
Ciências Sociais Aplicadas	201	Direito	29,74	86/02 a 91/01
	203	Economia	32,65	87/02 a 92/01
		Evasão média da área de conhecimento	19,69	
Ciências da Saúde	502	Enfermagem	47,67	88/02 a 93/01
	503	Nutrição	38,03	88/02 a 93/01
	504	Educação Física Licenciatura	37,85	87/02 a 92/01
		Evasão média da área de conhecimento	34,0	
Ling. Letras e Artes	110	Educ. Artística Licenciatura	51,49	89/01 a 92/01
		Evasão média da área de conhecimento	45,44	
Ciências Biológicas	505	C. Biológicas	34,84	88/02 a 93/01
		Evasão média da área de conhecimento	34,84	
Ciências Humanas	111	Geografia	46,55	87/02 a 92/01
		Evasão média da área de conhecimento	43,19	

Fonte: Sistema de Informação Acadêmica – UFMT, 2000.

A análise da tabela 1 mostra que os maiores índices de evasão se situam na área de Ciências Exatas e da Terra (67,74), que agrega o maior número de cursos de licenciatura, e os menores índices são os da área de Ciências Sociais e Aplicadas (19,71). Esses dados não são diferentes daqueles em nível nacional. No entanto, esta análise deve ser completada com os índices de diplomação e retenção, em que podemos observar percentuais de evasão menores, que não representam maiores percentuais de diplomação. É o que revelam os cursos da área de Ciências Sociais e Aplicadas, que apresentam os percentuais menores de evasão, mas, em contrapartida, seus índices de retenção são maiores do que os de outras áreas (19,49), o que nos leva a supor que, nos cursos dessa área, poderão existir problemas com o Controle Acadêmico dos alunos ou no cumprimento das normas internas de exclusão e do Conselho Federal de Educação. Cabe ressaltar que retenção é a situação em que, apesar de esgotado o prazo máximo de integralização curricular e mesmo não tendo concluído o curso, o aluno se mantém como não matriculado na Instituição. No estudo realizado pela Comissão SESu/MEC, "se considerava que taxas de retenção maiores que 10% ou taxas de diplomação abaixo da média merecem uma análise cuidadosa por parte das instituições".

Em relação ao perfil dos evadidos, temos que, dos 2.317 alunos evadidos no período estudado, 1.425 (61,50%) são do sexo masculino e tinham, em média, 25 anos e 892 (38,5%) são do sexo feminino, com média de 24 anos. Foram classificados

no concurso vestibular entre o 13º e 20º lugar em seu curso de opção, logo foram alunos que participaram da primeira lista de convocados, considerando que os cursos de graduação do campus de Cuiabá oferecem, em média, 20 vagas por ingresso.

Na análise da correlação entre as variáveis evasão e demanda do curso, no processo de acesso (vestibular), constatamos que, na análise do índice de correlação, incluindo todos os cursos, encontramos um valor de $-0,44$ ($\alpha < 1\%$), o que representa uma correlação negativa significativa, ou seja, quanto maior o índice de evasão, menor a relação candidato vaga.

Constatamos, por meio da análise de agrupamento não hierárquico - método K-Means- (Hair et alii, 1998), que existem três grupos com características diferentes do processo de evasão: no primeiro grupo, os alunos permanecem na Instituição em média 10,66 semestres matriculados e 3,54 semestres não matriculados, e que requer uma maior investigação, visto ser aquele em que o aluno permanece o maior tempo matriculado e não conclui o curso; no segundo grupo permanecem, em média, 2,35 semestres matriculados e 12,34 semestres não matriculados; e no terceiro grupo, permanecem, em média, 3,14 semestres matriculados e 2,12 semestres não matriculados. Ao tentarmos levantar hipóteses sobre esses grupos, podemos supor que o segundo e terceiro grupo são aqueles candidatos que, segundo os Coordenadores de Curso, têm baixo desempenho no Ensino Médio e isto reflete no desempenho das disciplinas das primeiras séries ou semestres, que precedem deste tipo de

conhecimento e, conseqüentemente, abandonam o curso pelas reprovações nos primeiros semestres. Poderíamos pensar também que são aqueles que, por não terem conhecimento do curso, desistem nos primeiros semestres. Ao considerarmos que eles representam 83% de todos os evadidos, poderíamos afirmar que a evasão nos cursos de graduação na UFMT acontece nos primeiros semestres.

Na análise da freqüência dos tipos de exclusão, podemos constatar que a maior freqüência é aquela solicitada pela Instituição, que se caracteriza pelo esgotamento do prazo máximo de integralização do curso pelo aluno. Identificamos a Exclusão por Desistência do Estudante, que se caracteriza pela solicitação do próprio aluno, e segundo informações prestadas pelos técnicos da Coordenação de Administração Escolar, quando na pesquisa do SIA, essa se justifica na maioria das vezes pelo fato do aluno ter prestado novo vestibular e desistir formalmente da vaga anterior. Podemos dizer que esse tipo de exclusão reflete no que os Coordenadores de Curso indicam como um dos fatores que contribuem para a evasão, o fato do aluno buscar o curso de baixa demanda na expectativa de, uma vez, ter ingressado, em uma universidade buscar o curso de "sua verdadeira opção" através de Transferência Interna. Como nem sempre isto é viabilizado, principalmente pela não oferta de vaga para este tipo de ingresso, o aluno busca um novo concurso vestibular. Ao nos aprofundarmos no estudo desses dados, verificamos que a Exclusão por Transferência Interna e por Desistência do Estudante

é freqüente em todos os cursos, podendo nos levar à hipótese de que existe o fenômeno da Exclusão, mas também o da Mobilidade. Esse fenômeno, para Dilvo Ristoff (1999), distingue-se do fenômeno da evasão, no qual "evasão" corresponde ao abandono dos estudos, enquanto "mobilidade" corresponde ao fenômeno de migração do aluno para outro curso.

Parcela significativa do que chamamos evasão, no entanto, não é exclusão mas mobilidade, não é fuga, não é desperdício mas investimento, não é fracasso – nem do aluno nem do professor, nem do curso ou da Instituição – mas tentativa de buscar o sucesso ou a felicidade, aproveitando as revelações que o processo natural de crescimento do indivíduo faz sobre suas reais potencialidades (Ristoff, 1999, p. 125).

A concepção de evasão na Universidade Federal de Mato Grosso

A Instituição de Ensino Superior é representada neste estudo como um complexo conjunto de recursos variados, cujos objetivos últimos são a geração de conhecimento e a educação. Os processos envolvidos, a fim de atingir esses objetivos, são muitos e de amplitude variável, sendo necessários procedimentos sistemáticos de gerenciamento e controle especializado, para que os fins propostos sejam efetivamente atingidos. Podemos estabelecer, como o primeiro passo para o controle, a monitoração e, para o gerenciamento, a avaliação. A análise da situação atual e das variáveis nela envolvidas permitirá tomar decisões mais indicadas para a realização

das metas. Partindo dessa análise, as informações obtidas no S.I.A. não podem apenas limitar-se a ser um "sistema de registro acadêmico", característica do Sistema utilizado na UFMT, mas sim um "sistema tático de informação gerencial", que forneça as ferramentas necessárias para que a Universidade possa definir as ações sobre a vida universitária do aluno.

A implementação adequada de métodos quantitativos deve ser um conjunto de relatórios, procedimentos e softwares que sejam descomplicados e passíveis de serem utilizados por profissionais e executivos sem formação em tecnologia ou matemática, como é o caso dos educadores, administradores [...] (Souza e Souza, 1997, p. 50).

Na construção desse Sistema, a preocupação primordial, em relação ao acompanhamento dos índices de evasão, deve ser o de permitir o acompanhamento histórico do processo de formação profissional passível de demonstrar os momentos em que a evasão é maior em cada caso, aplicando diferentes metodologias, que permitam a interferência no processo de evasão antes que ele se concretize. É necessário, também, entender que o estudo do fenômeno da evasão não se esgota na construção de um sistema, mas sim que este é o passo inicial, que deve necessariamente ser complementado por análises que busquem identificar e compreender os fatores que, levam à evasão, por pesquisas que levem em conta a correlação possível da multiplicidade de fatores que seguramente, interferem neste fenômeno.

Ao analisarmos as Resoluções que regulamentam o fenômeno de evasão na Instituição e a postura dos Coordenadores

e da Pró-Reitoria de Ensino de Graduação frente a esse processo, percebemos que o termo Exclusão, utilizado nas Resoluções para caracterizar o fenômeno de saída do aluno da Instituição sem concluir o seu curso de graduação, reflete, segundo José Lino Bueno, citado por Pereira, no Relatório Final das universidades públicas paulistas, a responsabilidade da Instituição pelo processo. Para ele, evasão distingue-se de "exclusão". A primeira corresponde à uma postura ativa do aluno que decide desligar-se por sua própria responsabilidade" (p. 35), já a segunda "implica a admissão de uma responsabilidade da escola e de tudo que a cerca por não ter mecanismos de aproveitamento e direcionamento do jovem que se apresenta para uma formação profissionalizante". Os Coordenadores de Curso, por falta de instrumentos que lhes permitam o acompanhamento do desempenho acadêmico dos alunos matriculados em seu curso ou por falta de um projeto que considere o acompanhamento não só do desempenho do aluno, mas de apoio psico-pedagógico, enfrentam o fenômeno da exclusão como aquele diretamente ligado aos fatores relacionados ao aluno, principalmente os de natureza sócio-econômica, que refletem no tipo de conhecimentos adquiridos no ensino médio. Frente a esses fatores, os coordenadores nada podem fazer, a não ser esperar que o aluno se adapte à estrutura universitária ou, não se sentindo capaz, abandone o curso. É necessário pensarmos em uma política de orientação acadêmica, que por meio de um acompanhamento dos alunos, garanta o amparo aos seus problemas e dificuldades enfrentados ao longo

do curso. A Pró-Reitoria de Ensino de Graduação considera que a UFMT não tem realizado estudo sistematizado, o que reflete o desconhecimento da Instituição sobre o processo de evasão de seus alunos dos cursos de graduação, admitindo que o assunto se reveste de importância relevante, mas que a UFMT precisa organizar seus dados para que estudos sistemáticos sejam efetuados em relação a este e outros temas da vida acadêmica da Instituição.

Análise dos fatores identificados quanto à questão da EVASÃO nos cursos de graduação, campus de Cuiabá, na visão de Coordenadores de Cursos

Na análise dos dados coletados, via questionário aplicado aos Coordenadores dos Cursos de Graduação, o aluno e a estrutura física são indicados, em primeiro e segundo lugares, como os que mais interferem nos índices de evasão de seus cursos de graduação; seguidos, em terceiro lugar, pela estrutura do curso; em quarto, pelo mercado de trabalho; e em quinto, por dedução, o que menos contribui para esses índices, o docente. Vale aqui ressaltar que nenhum dos indicadores teve unanimidade, estando os percentuais muito próximos.

Embora apoiados na semelhança de que a evasão no terceiro grau e o fracasso no ensino fundamental não são produtos de fatores isolados, abordamos os fatores indicados pelos Coordenadores de Curso, na ordem de contribuição dada por esses professores.

1º FATOR - o aluno e sua contribuição

O aluno é indicado dentre os primeiros fatores e logo como um dos principais no fenômeno estudado, no entanto, esse aluno não é conhecido pelos Coordenadores de Curso, não só quando ingressa no curso – apesar da Instituição possuir informações sócio-econômicas do aluno, advindas do Sistema Vestibular, basicamente não são utilizadas pelas unidades –, mas também quando esses alunos são excluídos dos cursos, uma vez que essa exclusão é encaminhada pelos cursos, cumprindo as determinações das Resoluções específicas, sem que o excluído seja ouvido pela Instituição.

Nos aspectos em nível sócio-econômico, traduzido como a necessidade do aluno exercer uma atividade remunerada para sustentar não só seus estudos, mas contribuir para a renda familiar, independente do aluno estar em curso noturno ou diurno, está sempre presente na justificativa das respostas. Constatamos, então, que o aluno evadido é um trabalhador estudante. Conseqüência da necessidade de estar no mercado, passa a não ter disponibilidade de tempo para o estudo.

Os Coordenadores também apresentam, como contribuição para a evasão dos cursos, ser o aluno indeciso quanto à escolha de seu curso, porque não conhece o curso que escolhe, logo, apresenta expectativas que não são correspondidas durante a sua permanência na Instituição e que não possui amadurecimento para enfrentar o curso universitário. Esses fatos podem ser conseqüência de sua imaturidade psico-

lógica, presente no adolescente, pois as análises do perfil dos estudantes que ingressam nos cursos de graduação se encontram na faixa etária entre 17 e 18 anos, e são obrigados a realizar uma escolha profissional muito precocemente. É uma circunstância social que praticamente obriga o jovem, recém saído da adolescência, a optar “quase que definitivamente pela profissão que deverá influenciar os rumos de sua vida” (Bueno, apud Comissão Especial de Estudos sobre Evasão – Sesu/MEC.). Opção esta, conforme os Coordenadores de Curso de Graduação, na maioria das vezes, sem a necessária informação.

O seu desempenho no ensino médio interfere, embora os coordenadores admitam não conhecer, mas deduzem, pelo desempenho do aluno nas disciplinas “básicas”, que necessitam desse conhecimento. Não há como desconsiderar que essas indicações situam-se principalmente entre os cursos de baixa demanda da área tecnológica, que requerem conhecimentos das disciplinas de Física, Química e Matemática, disciplinas por eles consideradas “básicas”, para adquirirem o desempenho durante os cursos, já sendo de consenso de que não existe o professor licenciado nessas disciplinas no 2º grau, principalmente na escola pública.

Outro fator é que a escolha dos cursos, muitas vezes, sofre a interferência da baixa demanda. Constatamos, então, que existe um processo importante de auto-seleção no momento da escolha da carreira, ou seja, como indicam Paul e Silva (1998, p. 121),

[...] os vestibulandos, estimando a priori a

sua capacidade relativamente aos demais candidatos e conhecendo o grau de competitividade no acesso a cada uma das carreiras, fazem sua escolha considerando sua chance pessoal de ingressar.

Além da auto-seleção de base puramente acadêmica, vinculada ao tipo de escola cursada no 2º grau, surge uma auto-seleção apoiada nas características sócio-econômicas que interfere na possibilidade de continuar a exercer uma atividade remunerada concomitantemente ao curso universitário. Dessa forma, se faz necessária uma melhor investigação se o aluno desconhece o curso ou se os fatores acima citados interferem de tal forma, sem, no entanto, influenciarem na permanência do aluno no curso, o que pode representar um expectativa não correspondida.

Essas características individuais já foram identificadas em outros estudos em que os pesquisados foram os próprios evadidos (UFRGS, PROPLAN, 1991, Pereira, 1996; Cunha, 1997; Ambrust, 1995). No entanto, em nosso estudo, percebemos que os Coordenadores, ao identificarem os fatores advindos das características dos alunos, consideram que eles não dependem de uma ação do curso, conseguem identificar às vezes a ação da Instituição, mas não se situam nessa ação. Podemos supor que os coordenadores assumem uma posição de distanciamento do aluno, não trazendo para suas unidades uma reflexão sobre as atitudes adotadas pelos alunos.

A Universidade não pode estar alheia à reivindicação sempre atual da sociedade, pela democratização, em todos os níveis de ensino, verificada no Brasil a partir da

década de sessenta, quando houve uma significativa ampliação da oferta de vagas no 2º grau e, conseqüentemente, uma maior procura pelo ensino de 3º grau, entretanto, não existe, na Universidade, garantia de reais condições de permanência e sucesso a um contingente expressivo dessa nova clientela, que passa a demandar por escolarização, em decorrência de fatores econômico-sociais, culturais, psicológicos, pedagógicos, entre outros, o que acaba refletindo no abandono dos cursos de graduação.

Ao admitirmos a democratização do Ensino Superior, temos que supor que têm acesso a este nível de ensino alunos com diferenças de desempenho no ensino médio, de condições sócio-econômicas entre outras, e que suas escolhas pelos cursos de graduação podem ser influenciadas por fatores diversos. Segundo Paul e Silva (1998),

[...] o desempenho acadêmico e a intenção de trabalhar constituem variáveis de especial relevância na escolha. Com efeito, candidatos com o melhor desempenho acadêmico, independentemente de outras características, tendem a optar pelas carreiras de maior prestígio e aqueles que tencionam trabalhar apresentam a tendência a escolher carreiras que admitam a conciliação entre os estudos e o trabalho.

[...] o efeito da política educacional brasileira na amplitude do espectro de carreiras efetivamente ao alcance dos vestibulandos que necessitem trabalhar durante o curso. À antiga e difícil discussão da gratuidade do ensino superior em instituições públicas deveria ser acrescentada a considerações de que a universidade pública e gratuita não oferece aos alunos que precisam trabalhar subsídios para que se sustentem. Em conseqüência, estes acabam por sofrer uma

severa limitação quanto às carreiras a que podem concorrer [...].

Pela análise dos índices de evasão correlacionados com a demanda, por ocasião do concurso vestibular, podemos supor que o baixo índice de evasão dos cursos de alta demanda, considerados nobres, podem estar relacionados não só ao melhor desempenho no Ensino Médio, mas também à disponibilidade de frequentar o curso sem necessitar de se lançar ao mercado de trabalho.

Podemos concluir, por meio da análise das respostas do questionário, que a participação do aluno em atividade de pesquisa e extensão, nos cursos de graduação, embora possam contribuir para a motivação do aluno e, de alguma forma, diminuir a evasão no curso, ainda não está inserida no projeto pedagógico dos cursos, estando sua vinculação relacionada aos projetos isolados e condicionada à remuneração via bolsas.

Franco (1997), quando afirmou que a Instituição Universitária não está preparada para receber e lidar com a diversidade dos alunos que hoje chegam às suas portas, analisou com propriedade, visto que a Instituição, particularmente a UFMT, desconsidera toda informação dada pelo aluno quando se candidata à Universidade, que de alguma forma poderia estar fornecendo à Instituição subsídios para a discussão de seu papel frente às novas expectativas dos alunos em relação ao curso universitário. É preciso que os Cursos de Graduação tenham clareza das variáveis de opção de seus alunos e, ao receberem esses alunos, estejam preparados para enfrentarem a diversificação, as diferenças e trabalhá-las

no interior de suas unidades, compreendendo o seu papel social e sua função em uma sociedade de grupos muito diversificados.

2º FATOR - a estrutura física

De uma maneira geral, os Coordenadores de Curso indicam uma inadequação do espaço físico, em termos de construção e de conservação. Mas, da mesma forma que indicam estas condições, muitos apontam para o desconhecimento da interferência desse fator, pela falta de informação. Mesmo considerando a análise de Durante (1999, p. 133) sobre a interferência do conforto ambiental das escolas de 2º grau, relacionando-as com os índices de aprovação, apontando para o fato de que fatores ambientais, como disponibilidade de equipamentos e espaço físico e qualidade desse espaço devem ser incluídos como aspectos que influenciam no desempenho das atividades em sala de aula, e ainda que

[...] existe relação entre o conforto ambiental das salas de aula e a ocorrência de alguns comportamentos de interesse no processo educacional, bem como o rendimento escolar do aluno, o que pode ser identificado pelos índices de aprovação, reprovação e evasão das escolas.

Através das respostas obtidas, não conseguimos identificar como e de que forma esse item vem interferindo no fenômeno da evasão.

3º FATOR - a estrutura do curso

A estrutura do curso é indicada pelos Coordenadores de Curso como 3º fator, destacando o turno de funcionamento do curso e a metodologia utilizada nas aulas

teóricas. O turno de funcionamento passa a interferir principalmente nos cursos que utilizam mais de um turno de funcionamento, quando é apontada a necessidade de o aluno se utilizar desse período para realizar alguma atividade remunerada. Além disto, esses cursos apontam que, para o cumprimento da carga horária do curso, é necessária a utilização de mais de um turno, o que passa a interferir na disponibilidade de tempo do aluno para o estudo extra-classe.

4º FATOR - mercado de trabalho

Nas respostas obtidas dos coordenadores, identificamos diferenças entre os cursos de bacharelado e os de licenciatura. Enquanto os primeiros apresentam um quadro otimista, representado pela absorção e expansão do mercado, os cursos de licenciatura têm um quadro diferenciado, representado, principalmente, pela desvalorização da carreira do magistério. Identificamos também o prestígio social do curso dentro de sua área, a exemplo do Curso de Medicina, na área da saúde, o de Direito, na área de ciências sociais e aplicadas, como um fator de interferência no processo da evasão, traduzido pela alta demanda no concurso vestibular. Identificamos, também, o fenômeno da mobilidade, principalmente pelo prestígio de determinados cursos.

A análise quanto às respostas obtidas em relação ao mercado de trabalho revela que esse fator interfere no fenômeno da evasão, não necessariamente a absorção pelo mercado, mas o prestígio e a valorização de determinadas carreiras. No

entanto, há de se reconhecer que, apesar dos índices de evasão serem maiores nos cursos de licenciatura, nesses é cursos que se encontra a parcela significativa dos estudantes que integra a classe economicamente desfavorecida, em termos de renda familiar ou pessoal, que já está exercendo ou precisa exercer uma atividade externa remunerada, não necessariamente relacionada ao curso de sua opção, para o sustento seu e, por muitas vezes, de sua família, o que necessariamente não induz ao apoio familiar para a continuidade de seus estudos. Da mesma forma, o esvaziamento dos cursos de licenciatura já, há muito, vem sendo constatado, principalmente pela desvalorização profissional, traduzida pela baixa remuneração, produto de uma política nacional que não valoriza a atividade docente, quer seja em nível de primeiro, segundo ou terceiro grau.

5º FATOR - o docente

Apontados pelos coordenadores como o último fator que interfere no processo de evasão, e por dedução o de menor importância, parece que essa informação está mais vinculada ao desconhecimento, ou à falta de informação sobre essa relação – docente e evasão –, uma vez que, ao analisarmos os percentuais de respostas que indicam essa opção, são relativamente maiores que em relação às demais opções. As respostas dadas nos questionários, antes de refletir o grau de participação do docente no processo de evasão dos alunos, refletem a necessidade de discutir o papel do docente dentro do contexto dos que

ingressam na Universidade, alunos de diferentes classes sócio-econômicas e, conseqüentemente, com desempenho acadêmico diferente, mas que trazem em comum uma expectativa muito grande frente à opção de curso, seja essa consciente ou não.

É necessário que os docentes percebam que ensinar nada mais é que uma operação de intercâmbio intelectual e que faz do docente o sensível interlocutor dos seus alunos. No processo de ensino-aprendizagem, a transferência de conhecimentos constitui uma tarefa que não se completa se não se fizer acompanhar de um conjunto de motivações que induzam à reflexão e à crítica, instrumentos ligados indissociavelmente à função de educar. Embora, na análise das respostas, haja um desconhecimento da interferência do trabalho docente no processo de evasão, podemos destacar, em algumas falas, o reconhecimento de que o professor-aluno, nos primeiros semestres, é fundamental para manutenção do aluno no curso, assim como a dedicação exclusiva do docente, traduzida pela DE, reflete na sua maior dedicação ao atendimento do aluno. Placco (1994), ao analisar o desempenho do professor/educador, em sua tarefa educacional, citou:

[...] o professor/educador o faz, ainda, sem o devido comprometimento, isto é, sem a clareza de que suas funções não se restringem ao aspecto aprendizagem intelectual, mas, como tarefa essencialmente ética e política, sem dúvida alguma, abrange as crenças, valores e formas de agir de seus alunos e, por isso, extrapolam a sala de aula, interferindo na formação do cidadão que, por meio desses aspectos, em seu trabalho, estará contribuindo, seja para a manutenção,

seja para a transformação do sistema social em que vivemos” (Placco, 1994, p. 31).

Os Coordenadores de Curso, principalmente dos cursos de bacharelado, revelam que “nossos professores não foram preparados para serem professores” e indicam a necessidade de treinamento do corpo docente, principalmente pelo fato das Instituições de Ensino Superior contarem, no seu quadro, com grande número de professores substitutos, figuras de caráter transitório, utilizados pelas unidades acadêmicas para ocuparem as vagas de professores aposentados, em razão da indisponibilidade de vagas pelo Governo Federal, para comporem seus quadros através de Concursos Públicos em caráter permanente e que, considerando a transitoriedade do professor substituto, essas vagas são geralmente ocupadas por recém graduados, que não apresentam cursos de pós-graduação, experiência didática e experiência profissional, na maioria das vezes.

Em relação à interferência do docente no fenômeno da evasão, além de requerer uma melhor investigação, cabe principalmente a discussão sobre a função determinante da Universidade Pública na formação de recursos humanos, como sendo um local privilegiado de crítica e de transformação social, através do ensino e da criação do novo como resultado do processo de investigação científica, além de ser a instituição que, em princípio, reúne a maior diversidade de interesses sociais.

A crise da Universidade e a evasão

Tentar compreender a evasão dos cursos de graduação pode significar repensar o modelo de atuação universitária perante os fatores de crise identificados por Santos (1999), como a crise da hegemonia e legitimidade, e propor enfrentá-la dentro de uma atuação ativa, autônoma, orientada para uma política pedagógica institucional. Identificamos o processo de evasão dos cursos de graduação, inserido nas crises de hegemonia e legitimidade da universidade, apontadas por Santos, em que a atitude do aluno que abandona o curso, optando pelo mercado de trabalho, põe em questionamento conhecimentos adquiridos na universidade e sua utilidade para a formação da força de trabalho qualificada exigida pelo mercado; no reconhecimento, por parte dos Coordenadores de Curso e talvez dos próprios alunos, do prestígio de alguns cursos, “nobres” e “poucos nobres”, caracterizando-os de acordo com a estratificação da universidade segundo a origem social do corpo estudantil. A crise da legitimidade vem exigindo da universidade o processo de democratização dos conhecimentos, e essa Instituição tenta se utilizar de processos democráticos para o acesso, sem, no entanto, considerar processos democráticos para a permanência do aluno no curso de graduação e, por vezes, criando critérios de seleção internos. Buarque (1994, p. 186), ao analisar a crise na universidade, afirmou que esta instituição

[...] perde a sua direção, fica perplexa e se diz em crise. Os alunos perdem o interesse

nos cursos, mudam de opções profissionais, com o argumento de que o mercado já não apresenta a facilidade de emprego nem lhes oferece os salários anteriormente pagos. Os professores perdem a motivação, dando como pretexto que os salários são insuficientes e as verbas para pesquisa, limitadas. Mas a maior crise não está nesses aspectos superficiais. Se os alunos de hoje oscilam de um curso para outro sem estudar muito em nenhum, não é por falta de maturidade. Talvez seja a prova de não desejarem instintivamente cursos que já não respondem aos propósitos sociais nem às razões existenciais de fazer e avançar o conhecimento.

Entender o processo de evasão dos cursos de graduação é enfrentar uma das crises da universidade, na medida que essa atitude pode ser a forma que os alunos encontram para se manifestar, uma vez que não encontram na universidade um ambiente que não só considere a diversidade de sua comunidade, mas também que se proponha a discutir essa diversidade.

A universidade precisa admitir, na formação de profissionais, entre as dimensões da aprendizagem, o desenvolvimento do aspecto afetivo-emocional, que envolve o crescente conhecimento de si mesmo, dos diferentes recursos que possui, dos limites existentes, das potencialidades a serem otimizadas, e assim abrir espaços para que sejam expressos e trabalhados a atenção, o respeito, a cooperação, a competitividade, a solidariedade, a segurança pessoal, superando as inseguranças próprias de cada idade e de cada estágio, a valorização da singularidade e das mudanças que venham a ocorrer, e um relacionamento cada vez mais adequado com o ambiente externo (Massetto, 1998).

Considerações finais

No nosso trabalho, constatamos que o estudo não se encerra, mas evidencia a necessidade de sua continuidade, não só com a participação do corpo docente, mas e fundamentalmente com a participação do aluno evadido, pois ninguém melhor que o próprio estudante para explicar seus entusiasmos ou suas dificuldades.

Os resultados obtidos nos levam a supor que a evasão nos cursos de graduação da Universidade Federal de Mato Grosso, campus de Cuiabá, mais do que um processo dependente do aluno, é um fenômeno institucional, reflexo da ausência de uma política de permanência do aluno no curso de sua opção. Dessa forma, a evasão na UFMT se caracteriza como um fator de exclusão do processo educacional, dentre tantos outros impostos aos alunos. Considerando que o processo de evasão está ligado a diversos fatores, nas ações a serem desenvolvidas pela Instituição esses devem ser levados em conta, como o processo de acesso, que envolve a divulgação de seus cursos através da produção de materiais de divulgação junto aos estudantes do ensino médio; o desenvolvimento de programas de intercâmbio junto às escolas, principalmente as públicas, visando oferecer esclarecimento quanto a opção profissional de seus alunos; e também, após o ingresso, o desenvolvimento de ações de acompanhamento e integração do aluno à vida universitária.

Identificamos que o aluno evadido, segundo os Coordenadores de curso, é o trabalhador aluno, aquele que necessita

trabalhar para sua sobrevivência e que, no momento que não encontra no ambiente universitário condições para a sua permanência, opta pelo abandono do curso. Aceitarmos o trabalhador aluno, como um centro para repensarmos os nossos cursos, significa não só discutirmos a sua viabilidade administrativa e didática, mas também enfrentarmos a discussão da função social da Universidade para as classes trabalhadoras.

Na trajetória de nossa pesquisa, o fenômeno da mobilidade está presente em todos os cursos. O acompanhamento da vida acadêmica dos alunos nos levará a distinguir esses processos, e reconhecer que muitas das atitudes dos alunos em mudar de curso são resultados de seu amadurecimento e que, enquanto instituição formadora, podemos estar contribuindo positivamente para esse processo.

Para finalizarmos, esclarecemos que temos clareza de que a função da Universidade e do ensino superior não deve ser delimitada, nem seu desempenho avaliado somente pelo índice de diplomas que fornece; há muito mais além disso: a formação cultural dos indivíduos, a introdução na sociedade de modos de pensar e agir, a sua interação com as demais forças sociais, a produção e a sistematização do conhecimento, que nem sempre se medem pelo número de diplomas ou títulos expedidos. Ao nos envolvermos na análise do abandono dos cursos de graduação por nossos alunos, não para justificar os índices e buscarmos os vilões, mas para compreendê-lo dentro de um contexto que envolva tanto o interno quanto o externo à Universidade, poderíamos estar discutindo se essa instituição vem atendendo as suas propostas e se vem respondendo aos anseios da sociedade.

Referências bibliográficas

AMBRUST, R. de C. C. *A evasão no 3º grau*: a Faculdade de Enfermagem da PUCCAMP. Campinas, 1995, 135 p. Dissertação (Mestrado em Educação na Área de Ensino Superior) – Faculdade de Educação, PUC/Campinas.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. Secretaria de Ensino Superior. *Comissão especial de estudos sobre a evasão nas universidades públicas brasileiras*. ANDIFES/ABRUEM, SESu, MEC, Brasília, 1996.

BUARQUE, C. *A aventura da universidade*. São Paulo: UNESP; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

CUNHA, A. M. *Evasão no Curso de Química da UnB*: a interpretação do aluno evadido. Brasília, 1997. 136 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – UnB.

DURANTE, L. C. *Conforto ambiental das escolas estaduais de Cuiabá – MT*. Cuiabá, 1999, 215 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFMT.

FRANCO, M. A. C. O vestibular e o acesso à universidade pública: um problema de seleção ou de autonomia? In: VELLOSO, Jacques (org.). *Universidade pública – política, desempenho, perspectivas*. Campinas: Papirus, 1997.

- HAIR, J. F.; ANDERSON, R. E.; TATHAM, R. L.; BLACKW. C. *Multivariate data analysis*. 4. ed. New Jersey: Prentice Hall, 1998.
- MASETTO, M. T. Professor Universitário: um profissional da Educação na Atividade Docente. In: _____. *Docência na universidade*. Campinas: Papirus, 1998.
- PAUL, J.; SILVA, N. do V. Conhecendo o seu lugar: a auto-seleção na escolha da carreira. *Revista Brasileira de Política e Administração da Educação*, Brasília, v. 14, n.14, p. 115-130, jan./jun. 1998.
- PEREIRA, J. T. V. *Diplomação, retenção e evasão dos cursos de graduação das universidades públicas paulistas*: relatório final. São Paulo: UNICAMP, 1997.
- PLACCO, V. M. N. de S. *Formação e prática do educador e do orientador*. Campinas: Papirus, 1994.
- RISTOFF, D. A tríplice crise da universidade. In: TRINDADE, Hélgio (org.). *Universidade em ruínas na república dos professores*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- _____. *Universidade em foco*: reflexões sobre a educação superior. Florianópolis: Insular, 1999.
- SANTOS, B. de S. *Pela mão de Alice*: o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 1997.
- SOUZA, F. M. C. de, SOUZA, B. C. de. Parâmetros para análise e utilização de resultados estatísticos na avaliação institucional. *Avaliação*, Campinas, v.1, n.3, p. 49-52, mar. 1997.
- UFMT. Coordenação de Exames Vestibulares – CEV. *Pesquisa sócio-econômico e cultural e desempenho dos candidatos classificados no concurso vestibular 1996-1998*. Cuiabá: UFMT, 1999.
- UFRGS. *Evasão nos cursos de graduação da UFRGS em 1991, 1992, 1993*. Porto Alegre: UFRGS/PROPLAN/DEPI, 1996.